IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

O ESPETÁCULO: *EU NÃO VOU FAZER GRETA GARBO* E A QUESTÃO LGBTQIAPN+[1]

Rafael Augusto Egydio de Mello[2]

Alberto Ferreira da Rocha Junior[3]

Eixo Temático 35 – RESISTÊNCIAS E SUBVERSÕES INVENTIVAS NO TEATRO, NA DANÇA E NA PERFORMANCE: INTERFACES ENTRE SEXUALIDADES E GÊNEROS NAS ARTES DA CENA / AXIS 35: INVENTIVE RESISTANCES AND SUBVERSIONS IN THEATER, DANCE, AND PERFORMANCE: INTERFACES BETWEEN SEXUALITIES AND GENDERS IN THE PERFORMING ARTS

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise acerca da peça: *Eu não vou fazer Greta Garbo*, desenvolvida pelo grupo de pesquisa e extensão: "Diversidade Sexual e Teatro no Brasil:

---

[1] Este trabalho é produto do projeto de pesquisa: História das Artes do Espetáculo: arquivos, fontes primárias e diversidade. Financiado pela FAPEMIG.

[2] Rafael Augusto Egydio de Mello; Graduando do Curso de Teatro (Bacharelado) da Universidade Federal de São João del Rei- UFSJ, **E-mail:** rafaelaugusto1272@gmail.com;

[3] Alberto Tibaji (Alberto Ferreira da Rocha Junior) é Professor Titular aposentado da UFSJ, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFSJ como professor permanente voluntário. É Bolsista Produtividade FAPEMIG/CNPq. É dramaturgo, ator e encenador. Atualmente coordena projeto de pesquisa com objetivo de criar um guia on-line de História das Artes do Espetáculo com financiamento da FAPEMIG. Orientador do bolsista de IC. **E-mail: tibaji.alberto@gmail.com**

visibilidade,minoritarismo e representação", coordenado pelo professor Alberto Tibaji. O espetáculo busca, por meio de elementos dramatúrgicos e cênicos, problematizar temáticas sensíveis e urgentes relacionados às vivências LGBTQIAPN+. Este artigo também aborda como esta peça impacta o público e a própria obra durante cada apresentação, uma vez que após a apresentação é feita uma roda de discussão com a plateia, a fim de desenvolver a pesquisa e trocar com o público.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Representatividade; LGBTQIAPN+, Teatro.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de realizar uma investigação de caráter histórico-social acerca da presença de personagens sexualmente dissidentes, especialmente no período de 1964 a 1985, o projeto de pesquisa e extensão "Diversidade Sexual e Teatro no Brasil: visibilidade, minoritarismo e representação" tem desenvolvido, desde 2018, montagens teatrais que abordam essa temática, sob a coordenação do professor Alberto Tibaji. Um dos espetáculos criados pelo grupo é Eu não vou fazer Greta Garbo, cuja equipe é composta majoritariamente por integrantes da comunidade LGBTQIAPN+. Para esses participantes, tanto o processo criativo quanto o palco se configuraram como espaços privilegiados para expressar suas urgências e reflexões sobre teatro, representatividade, sexualidade e gênero.

A peça foi inspirada em *Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá*, escrita em 1973 pelo autor pernambucano Fernando Melo. Além disso, apresenta influências evidentes da obra *Eu não vou fazer Medéia*, da dramaturga holandesa Magne Van Den Berg. A partir de um processo criativo colaborativo, a equipe articulou a premissa dramatúrgica da autora holandesa com a abordagem social presente no texto de

Fernando Melo. Na narrativa construída, um grupo de atrizes e atores se reúne para os ensaios de um espetáculo prestes a estrear. No entanto, um dos intérpretes se recusa a representar sua personagem ao alegar que, por ser heterossexual, não pode interpretar uma personagem gay. A partir desse conflito, a peça desenvolve uma reflexão crítica sobre a representatividade de pessoas marginalizadas nos palcos do teatro brasileiro, buscando provocar questionamentos no público sem oferecer respostas fechadas ou definitivas sobre o tema.

Considerando a pesquisa como um eixo fundamental do projeto, cada apresentação é seguida por uma roda de conversa com o público. Após as provocações propostas pela encenação, busca-se escutar as percepções da plateia sobre os temas tratados, as cenas, a dramaturgia, os elementos visuais e sonoros — como iluminação, figurino e cenografia. O intuito é registrar os principais apontamentos do público, de modo a orientar eventuais adaptações no espetáculo e, assim, aprofundar o processo investigativo em curso. O espetáculo já foi apresentado em diferentes espaços: quatro vezes no Campus Tancredo Neves da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), uma vez na Sala Glauce Rocha da UniRio, três vezes na SP Escola de Teatro, uma no Museu Ferroviário de Juiz de Fora e uma no Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais.

METODOLOGIA

Para abordar temáticas sensíveis como aquelas propostas em *Eu não vou fazer Greta Garbo*, torna-se necessário um cuidado especial com cada elemento da encenação. Para além da dramaturgia escrita, as provocações que o grupo propõe ao público são também absorvidas por meio de detalhes cênicos. O primeiro deles é a relação de intimidade que o coletivo de atrizes e atores demonstra entre si, tanto no momento dos ensaios quanto na maneira como abordam as questões que os atravessam na peça. Essa estrutura relacional é estabelecida logo no início da peça, quando as

personagens entram em cena compartilhando falas e ações permeadas por leveza e brincadeiras. Embora marcadamente descontraída, essa abertura contribui para instaurar um clima de amizade e acolhimento no primeiro momento da apresentação. A iluminação e o figurino são elementos fundamentais nesse processo: as luzes de serviço permanecem acesas e as(os) intérpretes entram em cena com vestimentas casuais, sinalizando ao público que estão ali para ensaiar e que o espetáculo propriamente dito ainda está por começar.

Esse recurso dramatúrgico configura-se como metateatro. O grupo convida a plateia a acompanhar o cotidiano de uma companhia teatral fictícia, permitindo que o público acesse não apenas as personagens em cena, mas também as subjetividades das atrizes e atores enquanto "pessoas" que pensam, discutem e refletem sobre o que representam — ainda que estejam, simultaneamente, atuando. Esse elemento é especialmente evidente no início da peça, mas se mantém presente ao longo da encenação, mesmo quando os “ensaios” propriamente ditos têm início. As interrupções constantes nesses ensaios e as discussões que se sucedem aprofundam as temáticas propostas, reforçando a camada metateatral. Pode-se dizer, portanto, que trata-se de uma peça que se constrói a partir do processo de construção de outra peça.

Para além do metateatro, o figurino também se configura como um recurso cênico de grande relevância na encenação. Durante os momentos em que as personagens estão efetivamente “ensaiando”, todas compartilham um mesmo figurino: calça bege de tecido fino e levemente translúcido, cropped e calcinha de lingerie. Essa escolha estética foi frequentemente questionada nas rodas de conversa realizadas após as apresentações, geralmente acompanhada da pergunta sobre os motivos que levaram o grupo a optar por esse figurino específico. A proposta parte da compreensão de que os sete corpos em cena — distintos em suas formas, identidades e presenças — contam histórias, revelam emoções, constroem imagens e provocam reações no público. Assim, o figurino foi concebido para, simultaneamente, ocultar e revelar, permitindo que esses corpos expressem, de maneira sensível, aquilo que oferecem tanto para si quanto para a plateia.

A iluminação também se configura como um recurso fundamental na comunicação com o público. Como mencionado anteriormente, as luzes de serviço permanecem acesas até determinado momento da encenação, o que provoca uma surpresa nas(os) espectadoras(es) quando, subitamente, a luz cênica entra em cena. Esse momento marca uma mudança na relação da plateia com o espetáculo, pois a luz passa a exercer a função de conduzir o olhar do público para diferentes zonas da cena — não apenas para os espaços ocupados pelos corpos e suas movimentações, mas também para os temas e questionamentos propostos pelo elenco. A iluminação, portanto, não apenas molda a percepção espacial, como também atua simbolicamente: ela ilumina questões, tensiona visibilidades e evidencia corpos que se expandem não apenas fisicamente no espaço, mas também em sua presença poética e política através da luz.

REFERENCIAL TEÓRICO

Além das referências dramatúrgicas já mencionadas — do autor pernambucano Fernando Melo e da autora holandesa Magne Van Den Berg —, um dos referenciais teóricos da pesquisa é o livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler. A obra da filósofa estadunidense foi amplamente debatida pela equipe durante os encontros semanais, especialmente pelos tópicos sensíveis que aborda em torno das noções de sexualidade e gênero. Butler sustenta que as estruturas jurídicas e sociais contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam conceitos relacionados ao gênero e à sexualidade, os quais, segundo ela, são construções performativas voltadas à manutenção de uma padronização binária heteronormativa. Além disso, a autora articula sua reflexão a partir de diálogos com pensadores centrais nos estudos sobre sociedade e subjetividade, como Simone de Beauvoir e Michel Foucault.

Diz Butler em um importante segmento de seu livro:

> O texto continuará, então, como um esforço de refletir a possibilidade de subverter e deslocar as noções naturalizadas e reificadas do gênero que dão suporte à hegemonia masculina e ao

> poder heterossexista, para criar problemas de gênero não por meio de estratégias que representem um além utópico, mas da mobilização, da confusão subversiva e da proliferação precisamente daquelas categorias constitutivas que buscam manter o gênero em seu lugar, a posar como ilusões fundadoras da identidade. (BUTLER, 2003, p.60)

Outro referencial teórico mobilizado na pesquisa é Michel Foucault, especialmente em relação à sua concepção de sexualidade e à articulação desta com as dinâmicas de poder. Em Eu não vou fazer Greta Garbo, discute-se explicitamente a relação de poder que se estabelece entre os corpos socialmente padronizados e aqueles que são marginalizados, tema que se articula diretamente à discussão sobre sexualidade já mencionada anteriormente. Para Foucault, "a manifestação da sexualidade... estabeleceu essa noção de sexo" (FOUCAULT, 2003, p.17), indicando que o entendimento contemporâneo do sexo é atravessado por construções discursivas e históricas. Além disso, o autor problematiza a ideia de que o "poder" se refere apenas a instituições e aparelhos de Estado que impõem a sujeição dos indivíduos. Ao contrário, Foucault propõe uma visão mais difusa e capilarizada do poder, que se exerce nas relações cotidianas, inclusive por meio dos discursos sobre os corpos e seus desejos.

> Que o poder vem de baixo; isto é, não há, no princípios das relações de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre os dominadores e os dominados, dualidade que repercuta de alto a baixo e sobre grupos cada vez mais restritos até as profundezas do corpo social. Deve-se, ao contrário, supor que as correlações de forças múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições, servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social. Estes formam, então, uma linha de força geral que atravessa os afrontamentos locais e os liga entre si; evidentemente, em troca, procedem a redistribuições, alinhamentos, homogeneizações, arranjos em série, convergências desses afrontamentos locais. As grandes dominações são efeitos hegemônicos continuamente sustentados pela intensidade de todos estes afrontamentos. (FOUCAULT, 1999, p. 90)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já mencionado anteriormente, a peça se apresentou em dez ocasiões diferentes. Sempre desenvolvendo experiências das apresentações anteriores e adaptando-se às realidades que foram propostas pelo espaço que foi proporcionado. A pesquisa se desenvolveu ao longo do tempo e ajudou as/os integrantes da equipe a crescerem como pesquisadoras/es, sendo sete estudantes de graduação em teatro pela

UFSJ - cursando bacharelado ou licenciatura - e três do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, também pela UFSJ.

Foi possível perceber como os elementos que relatei na metodologia anteriormente, afetaram a percepção e reflexão do público. O jornalista Rodrigo Barros, formado pela Universidade de São Marcos, no Blog de Miguel Arcanjo, definiu o espetáculo da seguinte maneira:

> "*Eu Não Vou Fazer Greta Garbo*" não é apenas uma peça de teatro; é uma experiência introspectiva e transformadora, sobre gênero, sexualidade, limites e mais que tudo sobre a busca em amar e ser feliz sendo o que se é e nada mais que isso. As apresentações na SP Escola de Teatro demonstraram a força do teatro como uma forma de arte que desafia, questiona e inspira. Para aqueles que tiveram a sorte de assistir, foi um lembrete poderoso da importância de permanecer fiel a si mesmo em um mundo que muitas vezes tenta ditar quem devemos ser. (BARROS, 2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se desenvolveu e alcançou públicos distintos de diferentes cidades e nichos sociais. Sempre será desafiador produzir teatro no Brasil, sobretudo abordando temáticas negligenciadas pela sociedade. O projeto de pesquisa coordenado pelo professor da UFSJ trabalhou incessantemente para que o legado de autoras e autores que trouxeram essa temática, em tempos de ditadura, e estas urgências sociais fossem trazidas à tona. Mais do que isso, para que fosse um espetáculo dialético, reflexivo e provocante na plateia. Apenas por fazer uma pessoa, de todas as dez apresentações feitas, refletir sobre a pauta que abordamos, já contribui para a pesquisa se desenvolver.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a FAPEMIG, pelo financiamento do projeto. Considero importante agradecer as entidades e pessoas que fizeram a peça *Eu não vou fazer Greta Garbo* ser criada e circulada para as cidades das apresentações. Para isso,

agradeço aqui a toda comunidade acadêmicada UFSJ, PROAE/PROEX/PROPE, DEACE/PPGAC, edital de circulação. Agradecimentos também aos técnicos administrativos da UFSJ: Alex Fleming, Elisa Pita e Pedro Inácio. Gratificar também às pessoas que auxiliaram na produção pré, durante e pós apresentações: Regilan Deusamar, Filipe Franciscatto, Giovanna Stehling, Marya Rodrigues, Nane, Elias Filgueiras, Pamella Schenatto e Pedro Galvão. Por último, faz-se necessários os agradecimentos às/aos membras/membros do elenco da peça: Alexa Vitória, Éverton Kaian, Maria Clara Nardy, Michael Souza, Luísa Amorim, autor[1] e Tainá Belizário. Além de Victor Sanchez na operação de luz, Gustavo Travenisk e Nane na operação de som. E Alberto Tibaji na coordenação e direção.

REFERÊNCIAS

BARROS, Rodrigo. Crítica: Eu Não Vou Fazer Greta Garbo se destaca em SP com reflexões profundas e emoção. **Blog do Miguel Arcanjo**, 2024. Disponível em: https://www.blogdoarcanjo.com/2024/05/27/critica-eu-nao-vou-fazer-greta-garbo-se-destaca-em-sp-com-reflexoes-profundas-e-emocao/. Acesso em: 22 abril. 2025.

BERG, Magne Van Den. **Eu não vou fazer Medeia**. Trad. Jonathan Andrade. Editora Cobogó, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

MELLO, Fernando. **Greta Garbo quem diria, acabou no Iraja**. SBAT: Revista de Teatro. Julho-agosto, 1974. p.44-69